

Presente e futuro

É preocupante a revelação do Banco Central de que os 16 bilhões de dólares do superávit comercial deste ano não bastarão para saldar os compromissos da dívida externa. Fecharemos o ano, portanto, com a situação externa irregular sem que tenhamos podido, em contrapartida, obter qualquer desafogo na situação interna. O País virtualmente paralisou as importações nos últimos anos para forçar a produção de saldos comerciais, sacrificando enormemente a expansão e a modernização industrial.

Preocupa mais ainda, entretanto, o fato de que não nos preparamos internamente para a eventual recuperação do poder de importar, ou seja, não dispomos de uma política industrial capaz de determinar com exatidão os setores nos quais se deve flexibilizar a importação. Quais os segmentos do setor produtivo nacional que devem ser recuperados e modernizados? Tendo em vista a escassez, quais são as prioridades? Devemos continuar importando petróleo, por exemplo, ou devemos modernizar o setor siderúrgico? Estas indagações precisam ter respostas precisas, além de qualquer dúvida, em razão do fato de que não teremos no futuro próximo abundância de divisas estrangeiras, impondo-se a necessidade de escolher entre alternativas.

Todas as energias nacionais, nos últimos anos, estiveram voltadas para a administração da conjuntura econômica, não tendo ocorrido qualquer esforço no campo do planejamento de médio e longo prazos. O Brasil é hoje um País sem políticas, sem planejamento, sem uma visão clara daquilo que quer e daquilo que pode. Nenhuma autoridade governamental poderá responder hoje sem hesitação qual será o programa de investimentos do País após o ajuste fiscal porque, simplesmente, não há planos a respeito.

É verdade que os tormentos da conjuntura dificultam o planejamento, mas não o impedem. O Brasil precisa mergulhar fundo em algum tipo de preocupação com o que está por vir, substituindo a atual estratégia de administrar o presente como um dado autônomo. Estamos, assim, comprometendo o futuro, destruindo estruturas produtivas já assentadas, muitas das quais custaram sacrifícios enormes à sociedade brasileira.

O País precisa começar a discutir as grandes linhas de um projeto nacional até para instrumentalizar-se melhor na discussão da conjuntura. Fica difícil administrar o presente se não se tem idéia alguma daquilo que se quer para o futuro.